



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

ANDANÇAS DE SETEMBRO (II)

(No barraco de Carolina)¹

Lindanor Celina

A falar a verdade, barraco mesmo não era não. Era num arrebalde que era um despotismo de lonjura, lá para os confins de Osasko, mas era algo já bem melhor que um barraco de paredes de caixotes e cobertura de zinco. Porque Carolina de Jesus, a negra favelada que é hoje uma das personagens mais discutidas deste país, não mais habita o mísero “quarto de despejo” que foi motivo, cenário e chão de sua obra. Que ninguém pense também que já mora num bangalô ou num belo apartamento. Carolina viveu tantos anos naquele ambiente degradante e infecto que precisa agora de uma transição, uma espécie de ante-câmara entre o “quarto de despejo” e a casa que ela merece, não apenas como autora do maior “best-seller” do momento, mas sobretudo como vivente, como ser humano.

Assim, quando em companhia do Padre Comaru e cônego Nelson fui visitar Carolina, não foi à favela kque nos dirigimos, mas ao rez do chão de um atravancado de caixotes, cadeiras, catrevagens de toda sorte. Vasculhamos tudo aquilo, devidamente autorizados pelo proprietário da casa, amigo de Carolina, vimos seus famosos cadernos, apanhados no lixo, livros diversos, sobretudo de histórias infantis, também colhidos no monturo.

¹ **CELINA**, Lindanor. **ANDANÇAS DE SETEMBRO (II) (No barraco de Carolina)** in Coluna Minarete: Jornal A Folha do Norte, 9 de outubro de 1960, Belém-Pará. Acervo de pesquisa de Márcia Daniele Lobato.

Infelizmente tenho de transmitir a vocês a decepção por que passei. Carolina não estava lá. Eram umas cinco e meia da tarde, já estava escurecendo, pois naqueles mundos anoitece cedo, era hora de uma dona de casa pobre estar cuidando da sopa dos filhos, mas Carolina não é mais aquela, virou celebridade e vive agora o universo encantado das grandes vedetes, televisão para cá, rádio para lá autógrafos para acolá. Seus filhos, esses vi de longe, descalços e nus da cintura para cima, felizes da vida disputavam um renida pelada, num terreno baldio. Mamãe estava na cidade, mamãe agora é importante e por isso presa a mil honrosos e assustadores compromissos. Mas eles, olalá eles ainda estão libertos, soltinhos da silva, e bem que aproveitam dessa liberdade que quem sabe não estão prestes a perder, em consequência do súbito e inesperado sucesso materno.

Mas agora foi que vi que estou falando em Carolina como se todo mundo soubesse quem ela é, quando muitos de vocês certamente nada conhecem dessa mulher que está dando o que falar não só no Brasil inteirinho, mas já um pouco no estrangeiro (comenta-se que seu livro será traduzido em espanhol e outros idiomas). Como falei Carolina é uma negra favelada de um asfalto e paupérrimo subúrbio de S. Paulo. Vivia a catar papéis velhos no lixo e vende-los. Entre esses papéis, muita vez achava cadernos ainda aproveitáveis que ia guardando. Um dia reinou de neles ir escrevendo o diário de sua vida miserável. Seu livro que é uma espécie de poética da fome, é o maior e o mais chocante depoimento humano escrito por alguém que só cursou até o 2º ano primário. Como foi revelado esse livro? Aí amigos, é uma história danada de interessante, e morro de vontade de conta-la a vocês, mas vou ter que deixar para a próxima. Pois crônica, mormente em dia de Círio, deve ser curtinha, curtinha para não aumentar ainda mais o cansaço dos peregrinos...